



Perspectivas para uma formação humanística do estudante universitário no pensamento de Miguel Rolando Covian

Perspectives for a humanistic background of the academic in Miguel Rolando Covian's thought

Marcos Candido

Marina Massimi

Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

Este estudo apresenta o arcabouço de idéias humanísticas desenvolvido por Miguel Rolando Covian no âmbito da universidade: como cientista que foi, através de artigos científicos e de várias iniciativas concretas buscou enfrentar o problema da atual crise no campo das ciências modernas e na formação humanística do estudante universitário. No pensamento de Covian verifica-se a particular contribuição de três autores contemporâneos, muito lidos e comentados por ele, representantes de três diferentes áreas do conhecimento – Teilhard de Chardin, José Ortega y Gasset e Thomas Merton. A relevância teórica e testemunhal destes autores para o pensamento de Covian evidencia-se na estreita relação de idéias entre eles e nas citações feitas em seus artigos aos autores. O estudo desta relação nos permitiu aprofundar a concepção de humanismo em Covian e identificar as suas principais matrizes teóricas.

Palavras-chave: humanismo; ciência; filosofia

Abstract

This study presents the outline of humanistic ideas developed by Miguel Rolando Covian in the academic ambit, on which through many scientific articles and many solid initiatives aimed facing the problem of the actual crises in the field of modern sciences and in the humanistic background of the academic. In Covian's thoughts we can see a particular contribution from three contemporary authors, read and commented by him, and that are representatives of three different areas of knowledge – Teilhard de Chardin, José Ortega y Gasset and Thomas Merton. The theoretical and witness importance of these authors in Covian's thoughts become evident in the close relation of ideas among them and in the citations about the authors in his articles. The study of this relation allowed us to deepen into the conception of humanism in Covian and identify his main theoretical matrixes.

Keywords: humanism; science; philosophy

1. Introdução

No pensamento universitário de Miguel Rolando Covian (1) destaca-se, evidentemente, seu grande interesse pelo problema do Humanismo e por uma adequada formação humanística do estudante universitário. Tal interesse está documentado por diversos artigos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais ou em jornais de grande circulação no país (2), além do grande acervo de autores humanistas reunidos em sua biblioteca particular, conservada atualmente no Centro de Memória e Museu Histórico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e particularmente, por sua participação na elaboração do projeto de criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no Campus da USP de Ribeirão Preto.



O interesse pessoal de Covian pela questão do Humanismo não decorre de uma exclusiva necessidade discursiva teórica, mas antes encontra sua motivação básica na rica proposta humanística que recebeu durante o período inicial de sua formação, junto aos mestres com os quais conviveu destacando-se, particularmente, a figura do Dr. Bernardo Alberto Houssay (3). Tal formação recebida tornou-se um critério pessoal com o qual Covian pode durante toda sua trajetória científica, como docente e pesquisador, confrontar as mais variadas experiências vivenciadas. Tornou-se um ponto de partida que o permitia ler e dar um juízo sobre a realidade.

As contribuições dadas por Covian a partir das considerações apresentadas no âmbito da universidade abrem importantes perspectivas para o enfrentamento de uma crise humanística preconizada por ele e evidente nos dias atuais, pois oferece ricos elementos para o debate acadêmico e científico.

Nas atuais diretrizes curriculares para a área da Medicina, está defendido o princípio pedagógico de que seja formado no Brasil um médico com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva (Martins, 2006). Vemos que os princípios que norteiam as diretrizes curriculares trazem diversas questões similares aquelas apontadas já por Covian. Deste modo, a definição de o que é Humanismo, por Covian, contribui na tentativa de superação de qualquer tendência genérica e abstrata do mero discurso capaz de impedir que passos significativos sejam dados nesta direção.

2. Definição de humanismo

Covian (1977/2007c) define o Humanismo como a "tendência do homem para sua plenitude, ativando todas suas potencialidades" (p. 66). Nesse processo de desenvolvimento exerce função especial a cultura, pois é por meio dela, como ponto de partida, que o homem pode chegar aquilo que deve ser. Neste sentido, Covian (1977/2007c) insiste na importância que ocupa no processo formativo de uma pessoa, a família e as demais instituições sociais, destacando o papel da universidade, que deve ser um centro de formação humanística e não apenas um centro gerador de técnicos e profissionais.

A universidade como centro de cultura deve "levar o homem a pôr em jogo suas potencialidades para atingir a VERDADE, a BONDADe e a BELEZA, ou seja, aqueles valores que fazem vibrar a natureza humana como um diapasão". (Covian, 1977/2007c, p. 66, grifo no original)

Covian (1977/2007c) relaciona o problema da crise humanística atual à ênfase desmedida dada a certo tipo de instrução técnica que não desenvolve, em contrapartida, uma sólida educação humana, gerando uma frustração que atinge a própria essência do homem. Uma autêntica formação humanística deve garantir ao homem o direito de "conhecer, refletir e avaliar a herança cultural que recebeu" (p. 65) e ver despertado em si "o desejo de viver a aventura de uma vida orientada pela Verdade, a Bondade e a Beleza, que constituem a nossa herança humana" (p. 65). Para Covian (1977/2007c), "a Universidade, como órgão superior da cultura, deve lutar por conseguir e manter estas metas que são as notas características do Humanismo" (p. 65).

3. A verdade, a bondade e a beleza: notas características do humanismo

Na estruturação do pensamento humanístico de Covian estão presentes as contribuições dadas por três importantes autores humanistas do século XX, representantes de três diferentes áreas do saber: Teilhard de Chardin (4), José Ortega y Gasset (5) e Thomas Merton (6).

A importância destes autores está documentada através do grande número de obras de cada um no acervo pessoal de Covian, cuja leitura freqüente era acompanhada por suas anotações e grifos pessoais. Além de diversas citações nominais em diferentes artigos, como no caso de T. Chardin (Covian, 1979a, p. 8) e Ortega y Gasset (Covian, 1975/2007b, p. 53). Particularmente, estes dois autores foram importantes interlocutores com os quais Covian "discutia" a questão crise da ciência moderna e a crise do humanismo nas sociedades modernas.



Desde modo, à medida que aprofundamos a noção de humanismo no pensamento de Covian faremos diversas referências a estes autores.

4. Verdade

A questão de grande relevância para a compreensão do humanismo em Covian está no problema do conhecimento humano.

À luz das motivações históricas e filosóficas apontadas por Ortega y Gasset (1961), Covian (1975/2007b) apresenta as causas que levaram à atual crise humanística no campo da ciência e à insuficiência na formação humanística no campo universitário, com repercussões em toda sociedade moderna. Em linhas gerais apresenta duas causas principais: a primeira refere-se à excessiva especialização do homem de ciência e a segunda, ao predomínio da ciência experimental cujo método fora apresentado como único capaz de permitir alcançar a verdade das coisas.

Historicamente, Covian (1975/2007b) indica como origem da especialização do homem de ciência, a aplicação à ciência experimental do "segundo dos quatro famosos princípios cartesianos" (p. 52) (7). Para Covian (1975/2007b), a crescente complexificação das pesquisas científicas atingiu certo nível no final do século XVI que seu desenvolvimento desde então só avançaria mediante tal aplicação. No tocante à definição do método experimental como o único válido para o conhecimento, Covian (1979a) diz que este apóia-se numa resoluta posição mental do homem do século XIX, onde em virtude de suas notáveis descobertas no campo da física, química, ciências biológicas e genéticas, que aplicadas melhoraram as condições de vida em todos seus aspectos práticos, o interesse voltou-se para o pensamento e método das ciências experimentais.

Na Grécia esta fertilidade utilitária não teria atingido influência decisiva sobre os ânimos, mas na Europa coincidiu com o predomínio de um tipo de homem – o chamado burguês (...). O burguês quer alojar-se comodamente no mundo e para isso intervir nele modificando-o a seu prazer. Por isso a idade burguesa se orgulha, antes de tudo, pelo triunfo do industrialismo e, em geral, das técnicas úteis à vida, como são a medicina, a economia, a administração (...) As massas médias se interessavam nela não por curiosidade intelectual, mas por interesse material. Em tal atmosfera se produziu o que poderíamos chamar "imperialismo da física" (Ortega y Gasset, 1961, p. 51).

Tal percurso histórico se desenvolveria até o nascimento da filosofia positivista de Augusto Comte, o "filósofo da burguesia" (Ortega y Gasset, 1961, p. 54) e um passo mais com a transformação desta numa "metafísica que absolutiza as realidades experimentais com a pretensão de resolver todos os problemas humanos: científicos, filosóficos, sociais, éticos e até religiosos" (Covian, 1979a, p. 6).

O emprego do método analítico da ciência experimental tem permitido ao pesquisador alcançar os limites inferiores do real. Entretanto, a análise científica que está na base dos avanços conquistados no campo da ciência pode constituir-se em grave problema se o conjunto da realidade fica reduzido à crença de que o todo é a pequena parcela que se estuda. Para Covian (1975/2007b), este tipo de saber que fragmenta a realidade deve ser compensado por uma verdadeira "atitude filosófica" (p. 52) ou "conhecimento religioso" (p. 61). Isto porque "nem no seu élan, com efeito, nem em suas construções pode a ciência atingir os seus próprios limites sem se matizar de mística e sem se carregar de fé" pois a relação entre ambas são "as duas faces ou fases conjugadas de um mesmo ato completo de conhecimento, - o único que pode abranger, para contemplá-los medi-los e consumá-los, o Passado e o Futuro da Evolução" (Chardin, 2006, p. 324).

Para Covian (s.d.), o problema que decorre da excessiva especialização na ciência encontra-se na perda da visão de totalidade da realidade pela pessoa, que resulta na perda da visão integral que o homem pode ter de si mesmo (p. 6) levando a uma



redução da própria condição humana, pois a razão “faminta” da realidade total, quando alimentada de porciúnculas da realidade, sofre de “inanição intelectual” (Covian, 1975/2007b, p.58).

Dentro desta perspectiva de demasiada fragmentação do saber, acrescido do fato de que o saber experimental “move-se em superfície, constatando, medindo e explicando fenômenos e adquirindo domínio sobre um aspecto restrito da realidade” (Covian, 1975/2007b, p. 53), a vida do homem de ciência torna-se angustiosamente limitada “resultante de ver o mundo físico e espiritual através de um buraco e ingenuamente pensar que se está vendo toda a realidade” (Covian, 1975/2007b, p.53).

Segundo Covian (1979a), a adoção exclusiva do método experimental como único método válido de investigação resultou num distanciamento da ciência em relação à filosofia e à teologia causando na modernidade a falsa impressão de serem estas áreas incapazes de se articular.

A excessiva especialização do homem de ciência aparece tanto no pensamento de T. Chardin (2006) quanto de Covian (1975/2007b) como um problema a ser enfrentado e superado pela própria ciência. Segundo T. Chardin (2006), o homem moderno está obcecado por despersonalizar ou impressoalizar o que mais admira e “de síntese em síntese desfeitas, deixa escapar, uma após outra todas as almas, e acaba por nos deixar perante de uma pilha de engrenagens desmontadas e de partículas evanescentes” (p. 293).

Tanto para T. Chardin (2006) quanto para Covian (1979a), não existem oposições essenciais entre os saberes científico e religioso, trata-se de modos diferentes de se verificar a realidade.

4.1. O conhecimento religioso e científico

No pensamento de Covian, o Humanismo estrutura-se principalmente a partir de suas vivências como cientista e cristão. Para ele, a ciência e a religião são dois fenômenos complementares que harmonizados “permitem um conhecimento mais profundo e total da realidade” (Covian, 1979a, p. 6). Considera que “Deus, a vida divina, a Providência, animam e unificam o formigante mundo das descobertas científicas” (Covian, 1979a, p. 7).

Covian (1979a) não tem a pretensão de fazer apologia aos conhecimentos filosófico e religioso por si mesmos. Antes pretende não excluir do processo do conhecimento nada daquilo que é próprio do humano. A natureza humana, bem como todo o universo, constituída em seus elementos materiais e imateriais só pode ser apreendida em níveis profundos se a razão humana for empregada com todas as suas potencialidades. Para Covian (1979a), os conhecimentos científico, filosófico e religioso são expressões de respectivas dimensões constitutivas da pessoa, ou seja, das dimensões científica, filosófica e religiosa sendo que a negação de qualquer aspecto autenticamente humano resultaria em um inequívoco processo de desumanização.

Para Covian (1979a), a distinção entre uma ou outra modalidade de conhecimento está no aspecto específico da realidade sobre o qual cada uma se detém. O objeto sobre o qual a ciência se volta são as realidades captadas diretamente pelos sentidos. Neste nível de investigação, os dados que são sensoriais são trabalhados pela inteligência gerando o conhecimento. Por outro lado, a religião estuda “uma face” da realidade que não é diretamente sensorial, mas “que pode ser captada pelos sentidos nas suas manifestações que são efeitos sobre os quais a inteligência se inclina para encontrar uma Causa à qual dá o nome de Deus” (p. 7). Assim, a realidade sensorial que a ciência estuda aparece para a fé como obra criada por Alguém.

Segundo Covian (1979a), “quanto mais a ciência avança, quanto mais poderosos nos faça, mais em nós deve vibrar o espírito religioso que também se alimenta e fortalece com as descobertas científicas pois estas limpam a face de Deus” (p. 7). Se o conhecimento científico é aquele que “vê” analiticamente o objeto dissecando a realidade, chegando a um “mundo formigante de partículas cada vez menores, por outro lado o conhecimento religioso partindo da base atomizada (...) nos levará ao vértice do cone do



conhecimento onde tudo se unifica, adquire harmonia, significação de totalidade" (Covian, 1979a, p. 6).

Se o pesquisador se detém no primeiro nível de investigação e se satisfaz com estes limites, sérias questões devem ser levantadas a fim de conduzi-lo às questões últimas da realidade: Alcançou-se a realidade total ou simplesmente seus constitutivos materiais? Onde está a ordem e o espírito organizador que fazia com que o objeto estudado formasse um todo? Tais questões orientam o pesquisador na direção do conhecimento religioso que busca uma síntese entre os elementos estudados, contradizendo a crença de que conhecer os mínimos elementos da matéria significa conhecer o todo.

Para Covian (1979a), a experiência unitária da pessoa é uma exigência profunda de seu próprio eu. Deste modo, todo seu esforço pessoal está orientado pela busca desta unidade vital que sem tal consideração torna-se confusamente difícil comprehendê-lo. Sua vida interior é dinamizada e vitalizada pelo modo como afirma, com liberdade, tal exigência permitindo-se testemunhar serenamente a relevância que o aspecto religioso tem para a sua vida como cientista e vice-versa. Diz Covian (1979a):

Jamais encontrei oposição entre ambos os tipos de conhecimento, nem limitação alguma, pelo contrário houve enriquecimento mútuo. Em mim, a Ciência teria se tornado uma atividade monótona, fatigante, sem poesia, nem profundidade, insuficiente para satisfazer plenamente a fome intelectual de quem procura nas coisas algo mais que o que aparece, o fenômeno. Teria sido simplesmente o pão e já sabemos que o homem precisa de algo mais para viver. Com a Religião, esquivei o perigo do cientificismo, ampliando por conseguinte o horizonte do conhecimento, houve maior abertura (...) e evitei fazer da Ciência uma substituto da Religião. Por outra parte minha Religião sem a Ciência teria corrido o risco de cair no hermetismo, na acomodação, na pura emotividade, na mitificação, quando não na superstição. (p. 7)

5. Bondade

O Humanismo integral proposto ao campo da ciência por Covian (1975/2007b, 1977/2007c, 1979b) esforça-se por superar certo humanismo de tipo natural que prescindindo do elemento espiritual, da "abertura do coração e da mente" (Covian, *Ética do ensino profissional*, p. 89) reduz toda preocupação com o desenvolvimento às questões biológicas ou materiais "tratando de atingir um máximo apoiado só na natureza, inteligência e força" (idem, p. 90).

Em *Ética do Ensino Profissional*, Covian (2007d) enfrenta o problema da ética na formação universitária. Neste trabalho utiliza o termo "ética" não segundo a definição comumente empregada pelos latinos, traduzida como costumes, uso e moral remetendo a idéia de comportamento regido por algo externo ou pelos condicionantes sociais. A noção empregada por Covian (2007d) define a ética como uma exigência interna da pessoa, "um grito da natureza mesmo" que ajuda e ordena as próprias tendências do homem a se manifestarem de modo correspondente, "não deslanchando em anarquia" (p.90).

Para Covian (2007d), a ética funda-se na verdade e esta por sua vez é o objeto de desejo da razão humana. A inteligência do homem deseja "alimentar-se" da verdade. É neste sentido que a verdade converte-se num bem social, ou seja, num bem que começa a realizar-se modestamente dando às coisas seu verdadeiro nome, chamando mentira e roubo ao ato de mentir e roubar.

A ética traz consigo ainda, uma exigência de liberdade como via de acesso à verdade e à justiça. Contudo, para se alcançar a verdade, a liberdade e a justiça, o homem deve percorrer um caminho educativo que o forme nesta perspectiva a fim de saboreá-las.



Para Covian (2007d), este processo educativo exige uma “presença” convencida e autêntica - que para ele perfaz a figura do “mestre” – capaz de irradiar o amor por tais questões e deste modo, “formar os discípulos que convivem com ele” (p.84).

5.1. Crise humanística da modernidade

Na modernidade, verifica-se a existência de certo “espírito pragmático e de cálculo” cunhada em “princípios de objetividade” segundo os ditames do método experimental que perpassa toda realidade cultural. O protótipo de homem formado dentro de tal ambiente cultural é deveras rejeitado por Covian (1975/2007b).

Para Covian (1975/2007b), o homem moderno concebido nos moldes da sociedade pós-industrial vive numa sub-condição humana e por isso, num inequívoco processo de desumanização.

Mas quem é este homem moderno? É possível universalizar o conceito de homem ocidental moderno ampliando-o aos homens de outras latitudes que possuem “problemas, aspirações, desejos, realizações e frustrações completamente distintos” aos dos homens deste tipo de sociedade, mergulhados em “sua ressaca urbana, como excrescências de um sistema que está dando seus últimos estertores”? (Covian, 1975/2007b, p. 62).

Para Covian (1975/2007b), a universalização desta categoria empregada por alguns teólogos e sociólogos que pretensamente “falam de desmitificação” gera um novo mito na modernidade, pois não é possível esquecer que “o homem moderno é também o africano, o paquistanês, o hindu, o latino-americano, que pouco ou nada tem a ver com a imagem nascida nas grandes cidades industriais” (p. 62).

Quando os teólogos da morte de Deus falam do “homem moderno” têm em vista precisamente o produto da sociedade pós-industrial norte-americana (...) Esta concepção encerra um grave erro sociológico comum por toda parte nos expositores provenientes das nações satisfeitas, que consiste em crer que “seu mundo é o mundo” e universalizam doutrinas que excedem seu marco de referência (Covian, 1975/2007b, p. 62).

A posição humana cultivada por Covian (1975/2007b) impede-o de acomodar-se aos moldes gerados por tal mentalidade. Para ele, não pode ser aceitável qualquer tentativa de redução do conceito de homem aos seus aspectos parciais. Diversamente, o que se pretende? “Reformar a liturgia para ele; rebaixar a doutrina (ou esquecê-la) para ele; meter-se na dispersão e no ruído, minimizar a norma para adaptá-la à sua ignorância, nanismo espiritual, rudeza e grosseria: tudo para ele” (Covian, 1975/2007b, p. 62).

Para Covian (1975/2007b), é inegável a influência que a ciência e a técnica exercem neste processo. Contudo, sua crítica está voltada ao sujeito, pois a ciência e a técnica em si não têm condições por si mesmas de “desumanizar” o homem; o único que pode conduzir a tal desumanização é aquele que por natureza é humano, o próprio homem.

A técnica que num primeiro instante contribuiu para a humanização libertando o homem de situações e atividades menos humanas, pois visou atender suas necessidades fundamentais, num momento posterior foi empregada na criação de coisas supérfluas, em “luxos para a vida” e desde então começou a “via crucis” da infelicidade humana e “uma delas é que, de dominador, passa a ser dominado pela técnica e seus produtos” (Covian, 1975/2007b, p. 56). Esta nova hierarquia que separa a pessoa de certos valores absolutos produz um vazio existencial que tende a ser preenchido pelo Homem com muitos feitos a sua altura e medida (Covian, 1975/2007b).

Segundo Covian (1975/2007b), o Homem atual encontra-se distante de si mesmo e dos outros, está “morrendo de inanição espiritual” (p. 58). Numa sociedade assim constituída está ausente o amor, “terapêutica para todos os desarranjos da sociedade submersa e afogada na cultura sensorial” (p. 61), está ausente o verdadeiro sentido da amizade e



haverá a ausência de verdadeiras comunidades humanas, pois onde falta o amor, os homens estarão juntos como os objetos estão uns em relação aos outros.

haverá corpos que se juntam numa reunião. Será uma reunião de homens isolados, que continuam isolados, como um exército de soldadinhos de chumbo. Cada um cuidará de não se envolver afetivamente com o problema do outro, porque enquanto o amor não estiver presente meu problema estará sendo "meu" problema, e o problema do próximo estará sendo "seu problema". E não vejo aqui diferença com uma sociedade de robots (Covian, 1975/2007b, p. 62).

Somente em posse de sua verdadeira humanidade pode o homem abrir-se positivamente frente à realidade. Desde modo, Covian (1975/2007b) propõe "algumas linhas terapêuticas" que são o percurso para um verdadeiro humanismo. Diz ele:

O homem humaniza-se quando no silêncio, na meditação, no repouso, na solidão, entra em si mesmo, até sua própria profundidade, descobre seus valores, toma distância do mundo e das coisas e volta a ele para servi-lo com amor, mas sem ser absorvido por ele, mantendo assim sua liberdade espiritual (Covian, 1975/2007b, p. 63).

Este caminho terapêutico indicado por Covian, em sua essência, corresponde ao itinerário humano e espiritual próprio da vida monástica. Neste sentido, é possível perceber, embora não seja feita nenhuma indicação nominal a Thomas Merton em seus artigos, a sua influência no pensamento de Covian (8).

5.2. Algumas linhas terapêuticas

O modo como Covian (1975/2007b) contrapõe as características da vida do homem moderno e dos "centros civilizados" ao ideal de vida para uma real humanização revela um particular reconhecimento de certa sabedoria que se constituiu a partir dos mosteiros (9).

Ao introduzir uma reflexão sobre o que chamou de "algumas linhas terapêuticas", Covian (1975/2007b) chama atenção para o problema das grandes cidades onde, por causa do "ruído ambiente", o Homem encontra-se neurotizado sendo que "desgraçadamente esse ruído é um eco, às vezes amplificado, do ruído interno do próprio homem". Para ele, o "homem moderno" foge pelo caminho da "ausência de silêncio espiritual", quando na verdade é o silêncio que o ensina a ser livre. Disto resulta que a palavra que deveria ter origem no silêncio e ser um "instrumento da verdade", desvirtua-se por esta ausência, levando a falta de comunicação real entre as pessoas (Covian, 1977/2007c, p. 58-59).

Para Covian (1975/2007b), como a palavra deve ser precedida pelo silêncio, da mesma forma a ação deve ser precedida pelo repouso. Para ele, "a epilepsia da ação é outro tipo de fuga, reveladora de quem não se quer dispor para estar consigo memo (...). O repouso, necessário para a MEDITAÇÃO, é outra forma de atividade, tão vibrante e cheia de vida como a ação" (Covian, 1977/2007c, p. 60, grifo no original).

A solidão é apresentada por Covian (1975/2007b) como o contraponto que permite ao Homem responder de forma equilibrada às constantes solicitações da vida comunitária e sem ela "pode cair-se no hábito ou na intoxicação humana" (p. 60). Pela solidão, a pessoa entra em si mesma e pode estar consigo mesma. A pessoa "desumaniza-se se está mais fora que dentro (...). Se não configura sua existência desde dentro fica à disposição de todos os condicionamentos da sociedade atual (Covian, 1977/2007c, p. 60). Recorrendo a uma citação célebre de São Bento, Covian expressa a significância do silêncio para aquele que deseja um empenho sério consigo: "Ó abençoada solidão. Ó única bem-aventurança" (Covian 1977/2007c, p. 61, tradução nossa) (10).

6. Beleza



A beleza deixa-se encontrar em seus diversos desdobramentos, na realidade. A beleza se apresenta nos acontecimentos naturais, onde é possível “extasiar-se durante sua vida a céu aberto, diante de um amanhecer, ou entardecer, de uma flor que nasce, diante, enfim, de todo o desdobramento de beleza que a natureza oferece” (Covian, 1979b, p. 14) e também, diante das diferentes expressões artísticas, resultado da atividade inteligente e espiritual do homem. A beleza, neste segundo nível, aparece nas produções culturais.

Fazendo referência a K. Popper, Covian diz que nascemos num mundo natural que nos é dado e durante nosso viver somos introduzidos num mundo cultural criado pelo próprio homem (cf. Popper, 1975, p. 165). Desde modo, para Covian

o mundo do conhecimento objetivo, produto da atividade intelectual e espiritual humana, abrange as diversas manifestações da inteligência: ciência, filosofia, teologia, história, literatura, arte, tecnologia, etc. Este mundo (...) é exclusivamente humano e tão extensamente rico que durante toda a sua vida uma pessoa não pode ter mais que uma amostra dele (1979b, p. 14).

6.1. A beleza, exigência elementar e a contribuição da universidade

Os “limites franciscanos” que impedem o homem de abarcar a totalidade do conhecimento são compensados pela articulação dos saberes no âmbito universitário e por isso, a Universidade aparece como “órgão Superior de Cultura” (Covian, 1977/2007c, p. 65). Entretanto, é necessário ressaltar que para Covian (1977/2007c), a universidade nem sempre corresponde a sua própria essência e por isso, muitas vezes não prepara o estudante universitário para um saber de tipo integral. A formação do universitário, em muitos casos, orienta-se por interesses de tipo imediato e econômico visando “obter bons empregos, melhorar o ‘status’, adquirir poder, contribuir a sociedade de consumo” e neste sentido “formará mentes conformistas e conformadas com o universo técnico, renitentes e incapazes de elevar-se sobre as necessidades puramente fisiológicas do homem” (p. 14). Uma formação assim, dará ao homem apenas o rótulo de “homem culto”, mas no fundo será apenas um “bom produto universitário” que entra no mercado de trabalho (Covian, 1979b, p. 14).

É através de uma autêntica formação humanística ou “formação cultural” que o homem se desanimaliza e eleva-se sobre os limites de sua condição orgânica.

Segundo Covian (1979b), a condição indispensável neste processo é “proporcionar a cada geração a possibilidade de conhecer, refletir e avaliar a herança cultural que recebeu” (p. 14). Neste sentido, o homem parte de um lugar preciso que é Cultura, aquilo que está aí, devendo orientar-se para aquilo que ele deve ser.

É inegável na trajetória de Covian o seu gosto pelas artes em geral. Este interesse está documentado em diversas obras literárias, artísticas e musicais pertencentes ao seu acervo pessoal (11). Outro fato que testemunha não apenas o interesse de Covian pelas artes, mas que assegura-lhe a posição de promotor das mesmas é sua participação na criação do grupo Pró-Música da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto na década de 1960 com o objetivo de ampliar o horizonte cultural da Faculdade e atrair estudantes e o público externo para os concertos que aconteciam na capela do Campus. Covian foi o seu primeiro presidente (Coelho & Hoffmann, 2002).

Para Covian (1979b), também é papel da Universidade, perfazendo sua finalidade de oferecer uma formação universal, contribuir para que o estudante conheça o vasto patrimônio e a beleza na cultura, herdado através das gerações. Entretanto, não basta simplesmente conhecer, pois cultura “não é somente conhecer Shakespeare, Victor Hugo, Rembrandt ou Bach: é antes de tudo, amá-los” (Covian, 1979b, p. 14) pois “há duas culturas: uns que levam a cultura no sangue, outros são cultos de informação” (Covian, 1979b, p. 14).



No plano do puro conhecimento, a visita a uma cidade, a um museu, a escuta de um concerto num teatro ou auditório, pode reduzir-se apenas à auto-afirmação ficando “apenas o fato material de haver estado nesses lugares” (Covian, 1979b, p. 14). Assim,

Que importa que eu veja fotograficamente, digamos “Os quadros” de Goya, se não capto sua mensagem, se ele não circula pelo meu sangue, penetra nas minhas células e se incorpora ao meu próprio ser? Se não “digo” intelectual e espiritualmente o que estou vendo? (...)

O que vem de fora deve ser metabolizado por nossa inteligência e espírito e integrar-se em nosso ser. Não é o título acadêmico (pobres universidades nossas!) que dá patente de homem culto. Eu diria que a cultura encerra uma conotação filosófica e que é o resultado de uma vida meditada, refletida, em suma “filtrada” (Covian, 1979b, p. 14).

Neste ponto uma questão importante do pensamento humanístico de Covian ganha relevo. Ao não reduzir a formação cultural do indivíduo à pertença a uma determinada instituição universitária recupera a dimensão da cultura popular que traz consigo uma rica variedade de possibilidades e interpretações da realidade mediante a viva relação com a história e a tradição do povo. Sem contudo, ignorar seu papel específico, a Universidade, que como “órgão Superior de Cultura” deve levar o universitário a atingir suas potencialidades, terá salvaguardada sua importância e a sua relevância na vida social.

Em “Universidade: um centro de cultura?”, Covian (1979b) destaca a importância de certo tipo de conhecimento e formação presentes na cultura e pelo fato de se estar numa sociedade culta a “cultura será aprendida pelo espírito, metabolizada por ele, transformada nele, como o corpo o faz com a matéria” (p. 14). Para afirmar a importância deste tipo de saber que se constrói sem os “comuns rótulos universitários” Covian (1979b) apresenta algumas de suas experiências vividas numa de suas viagens de Florença à Roma.

Recorda-se de um casal de universitários latino-americanos com quem teve a oportunidade de conversar. “Ela com o olhar perdido, aparentemente cansada e insatisfeita” e ele “lia uma novela policial de conhecido autor norte-americano”, ao serem inquiridos se gostaram de Florença disseram: “mais ou menos. É muito pequena, os prédios são baixos e não tem metrô” e se “visitaram o Davi”, responderam: O quê? Onde estava isto?” (Covian, 1979b, p. 14). Neste momento sua conversa findou-se e pôs-se a meditar sobre a cultura ou incultura.

Entretanto, nesta mesma viagem, Covian (1979b) experimenta certo fato compensatório para ele. Num trem lotado, encontra-se com “um rapaz de uns 21 anos (...) Evidentemente era um trabalhador, e por conseguinte sem nenhuma máscara universitária” (p. 14). A ele fez uma pergunta sobre a Mona Lisa, que está no Louvre. Ao que, por sua vez, o jovem vivamente lhe respondeu: “Mas ela é nossa (...) por que Leonardo era de uma cidadezinha perto de Florença, chamada Vinci” (Covian, 1979b, p. 14). Insistiu ainda, comentando, sobre uma visita que havia feito a algumas ruínas do século I d.C. e o jovem começou a descrever as ruínas de sua pequena cidade natal, que eram do século II a.C.

Segundo Covian (1979b),

certo tipo de conhecimento adquirido pelo povo, quase por osmose, é uma forma de aculturação, possível por que se vive numa sociedade culta. Florença é uma cidade que educa, que aculta, cuja sinfonia entra pelos olhos, ouvidos e a própria pele. Quão longe estão nossas cidades de serem educativas! (p. 14)



Para Covian (1979b), o estudante está sinceramente interessado nas conotações humanísticas de sua formação. Acontece muitas vezes de ser "vítima de uma Universidade que não é universal" (p. 14).

7. Conclusão

Na variedade dos elementos que constituem o pensamento universitário de Miguel Rolando Covian, fica claro o primado do Homem e o seu destino. O elemento humano aparece na ordem primeira das coisas, como elemento essencial e condição para a construção de qualquer estrutura ou sistema sendo que o êxito de seus empreendimentos dependerá do modo como se auto-compreende e se coloca na ordem daquilo que deve ser.

O Homem é visto em sua unidade físico-espiritual e correspondentemente, as demais realidades existentes são formadas por elementos de mesma ordem. Assim, para Covian o conhecimento integral das coisas deve articular e reunir diferentes modos de conhecimento resultantes das várias potencialidades humanas. É através do empenho em conhecer a realidade total das coisas, desenvolvendo métodos variados capazes de efetivar tal propósito, que o Homem pode alcançar um conhecimento integral de si mesmo.

A ciência, a filosofia e a religião aparecem no pensamento de Covian como modos de saber que em sua essencialidade não se antagonizam, antes se complementam, pois cada área do saber, na busca da Verdade das coisas, se debruça sobre um determinado aspecto da realidade, sendo que a unidade entre estes modos de saber reside na própria pessoa que busca conhecer. Para Covian (1979a), a ciência, a filosofia e a religião convergem necessariamente quando se aproximam da verdade, de uma verdade elementar comum a todos os campos do conhecimento. Entretanto, tais áreas se convergem sem se confundirem.

A excessiva especialização no campo científico e o predomínio histórico do método experimental como modo exclusivo para se atingir a Verdade, levou o Homem de Ciência a uma falsa idéia de que o entendimento de toda a realidade pode ser abarcado pela aplicação de um método único de conhecimento. Para Covian (1975/2007b), tal posicionamento teórico produz na prática do cientista um distanciamento da realidade total e o fechamento sobre si mesmo, resultando numa experiência humana mais empobrecida.

A abertura à realidade total é vista como uma exigência natural constitutiva da própria pessoa, sendo que toda vez que este "apetite" não é satisfeito cresce a insatisfação interior, cuja consequência atual se constata no Homem problematizado que se pergunta sobre o que ele é, pois sente-se "desintegrado" em sua natureza. Disto resulta, buscar estabelecer certa hierarquia frente à ordem material e espiritual das coisas.

A universidade, como centro de cultura, é para Covian (1979b) um núcleo de formação humanística que deve ajudar o estudante universitário a desenvolver todas as suas potencialidades, apresentando-lhe as riquezas e os valores da cultura. Nesta perspectiva, ocupa papel preponderante na formação do estudante, a figura do mestre, que mais humanamente experiente, ajudará o jovem a desenvolver-se como pessoa e adquirir uma cultura geral, capaz de ajudá-lo a se colocar de forma viva e ativa frente à realidade, a fim de colaborar com a resolução dos problemas emergentes do seu tempo. Tais condições são necessárias para que o jovem estudante possa corresponder aquilo a que fora chamado, ocupando seu "devido lugar" na sociedade, onde se sinta satisfeito e vocacionalmente feliz.

Os autores empregados neste estudo desempenharam grande influência sobre o pensamento de Covian, contribuindo significativamente para sua concepção de humanismo. Ligados a certa tradição humanística, cuja pertença já se constituiu um fator capaz de despertar o interesse de Covian, podemos verificar ainda a importância do aspecto testemunhal que tiveram, vale dizer, o modo como se imbricaram prática e teoricamente diante das questões do tempo, propondo caminhos para a superação da atual crise humanística. Assim, Teilhard de Chardin, José Ortega y Gasset e Thomas



Merton desempenharam na vida de Covian a figura de mestres que acompanham e permitem ao discípulo retirar de suas vidas, seus ensinamentos.

Afirmar a importância do mestre corresponde, coerentemente aos ideais humanísticos de Covian (1979/2007a) pelos quais o homem se educa e se forma como pessoa na relação com seu semelhante, numa experiência de amizade autêntica que nasce do amor e do interesse comum pela Verdade.

A posição humana vivenciada por Covian e suas proposições teóricas, pontualmente concretizadas em diferentes iniciativas pessoais apontadas neste trabalho podem ser uma chave de leitura da realidade para as novas gerações de estudantes que se encontram mergulhados numa sociedade cujas carências exigem um empenho sério para um adequado humanismo na formação universitária.

Para os mestres que se empenham em prol de uma formação integral do estudante, o testemunho vivencial de Covian preservado através de sua memória permite vislumbrar que “os ideais mais elevados” podem permanecer no tempo e tornar-se fonte de inspiração para as novas gerações de mestres e lançando um olhar sobre aqueles que o inspiraram, os reconhecemos dentro de uma atual e caudalosa corrente humanista que insiste em propugnar o valor inalienável do ser humano.

Referências

- Chardin, T. (2006). *O fenômeno humano* (J. L. Archanjo, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1958).
- Coelho, M. A. N. & Hoffmann, A. (2002). A cultura na FMRP-USP. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 35, 367-370. Retirado em 13/04/2009, de World Wide Web: http://www.fmrp.usp.br/revista/2002/vol35n3/cultura_fmrp.pdf
- Covian, M. R. (s.d). *Ciência e humanismo: é a ciência desumanizante?* [Mimeo]. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Covian, M. R. (1979a, 15 de julho). Ciência e religião. *O Estado de São Paulo*, Suplemento Cultural, 6-8.
- Covian, M. R. (1979b, 22 de julho). Universidade: um centro de cultura? *O Estado de São Paulo*, Suplemento Cultural, 14.
- Covian, M. R. (2007a). A essência da universidade. Em A. Hoffmann & M. Massimi (Orgs.). *A universidade pensada e vivida por Miguel Rolando Covian* (pp.73-83). São Paulo: Funpec. (Original publicado em 1979).
- Covian, M. R. (2007b). Ciência, técnica e humanismo. Em A. Hoffmann & M. Massimi (Orgs.). *A universidade pensada e vivida por Miguel Rolando Covian* (pp. 51-63). São Paulo: Funpec. (Original publicado em 1975).
- Covian, M. R. (2007c). Cultura humanística do estudante universitário. Em A. Hoffmann & M. Massimi (Orgs.). *A universidade pensada e vivida por Miguel Rolando Covian* (pp. 64-72). São Paulo: Funpec. (Original publicado em 1977).
- Covian, M. R. (2007d). Ética do ensino profissional (apontamentos para uma palestra). Em A. Hoffmann & M. Massimi (Orgs.). *A universidade pensada e vivida por Miguel Rolando Covian* (pp. 84-90). São Paulo: Funpec.
- Fernandes, C. (2002). *Bernardo Alberto Houssay*. Retirado em 04/07/2008, de World Wide Web: http://www.netsaber.com.br/resumos/ver_resumo_c_169.html



Hoffmann, A. & Massimi, M. (Orgs.). (2007). *A universidade pensada e vivida por Miguel Rolando Covian*. São Paulo: Funpec.

José Ortega y Gasset. (1989). Em *Logos Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (V. 3, pp. 1270-1271). Lisboa; São Paulo: Verbo.

Kocher, H. (s.d.). *Dicionário de expressões e frases latinas*. Retirado em 25/02/2009, de World Wide Web: http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionario/o01.htm

Martins, M. A. (2006). Ensino médico. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 52 (5), 281-291.

Mondin, B. (1979). *Os grandes teólogos do século XX*. São Paulo: Paulinas.

Mosteiro. (1972). Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V. 13, pp. 1430-1431). Lisboa: Verbo.

Netsaber (s.d.). *Discurso do método*. Retirado em 04/07/2008, de World Wide Web: http://www.netsaber.com.br/resumos/ver_resumo_c_169.html

Ortega y Gasset, J. (1943). *Obras de Jose Ortega y Gasset: la rebelión das masas* (3^a ed.). Madrid: Espasa-Calpe. (Original publicado em 1930).

Ortega Y Gasset, J. (1961). *Que é filosofia?* (2^a ed.). (L. W. Vita, Trad.). Rio de Janeiro: Ibero-americano. (Original publicado em 1958).

Popper, Karl. (1975). *Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária*. (M. Machado, Trad.). Belo Horizonte: EDUSP/Itatiaia. (Original publicado em 1972).

Thomas Merton. (1995). Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (V. 13, p. 410). Lisboa: Verbo.

Notas

(1) Miguel Rolando Covian nasceu em Rufino, Província de Santa Fé, Argentina, em 07 de Setembro de 1913. Estudou na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, graduando-se no ano de 1942. Logo após sua graduação, durante o primeiro governo de Perón, um grupo de professores, dentre eles o Dr. Bernardo Alberto Houssay, por opor-se publicamente, através de um abaixo-assinado ao regime vigente, fora expulso da universidade. Este grupo deu origem a um centro de pesquisas chamado "Instituto de Biología y Medicina Experimental". Covian atuou neste instituto até 1948 indo depois para os Estados Unidos aprofundar seus conhecimentos em neurofisiologia. Após seu regresso fora nomeado pelo Dr. Houssay chefe do laboratório de neurofisiologia do Instituto de Biología y Medicina Experimental de 1952 à 1955. Em 1955, fora convidado por Zeferino Vaz, então reitor da recém criada Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto, a colaborar nos projetos desta nova faculdade, sendo que em abril daquele ano assumiu o cargo de professor catedrático contratado. Sob sua direção o Departamento de Fisiologia consolidou-se como um prodigioso centro de pesquisa sendo reconhecido como Centro de Treinamento pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pela Associação Latino-Americana de Ciências Fisiológicas (ALACF). No Brasil, figura como um dos mais importantes pesquisadores para o desenvolvimento da neurofisiologia.

(2) Diversos artigos publicados por Miguel Rolando Covian e citados neste trabalho estão compilados em Hoffmann e Massimi (2007), *A Universidade Pensada e Vivida por Miguel Rolando Covian*.



(3) "Bernardo Alberto Houssay (1887-1971), fisiologista argentino, nascido e falecido em Buenos Aires, estudioso do *metabolismo do açúcar*. Diplomou-se em Farmácia (1904) e em Medicina (1911), foi professor de Fisiologia na Faculdade de Veterinária e Agronomia e, depois, na Faculdade de Ciências Médicas (1919). Suas pesquisas demonstraram que o hormônio segregado pelo lobo anterior da pituitária impede o metabolismo do açúcar e que a injeção do estrato da pituitária provoca sintomas de diabete. Como professor do Instituto de Biología y Medicina Experimental de Buenos Aires, foi um dos ganhadores (50%) do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia (1947) por suas pesquisas sobre a pituitária, com o casal austriaco-americano Carl e Gherty Cori da Washington University, St. Louis, MO, por suas descobertas sobre o mecanismo de conversão catalítica do glicogênio. Morreu em Buenos Aires e sua principal obra publicada foi *Fisiología humana* (1947). Foi o terceiro latino-americano a receber o Nobel e o primeiro condecorado com um prêmio científico" (Fernandes, 2002, s.p.)

(4) "Pierre-Marie-Joseph Teilhard de Chardin nasceu no Auvergne, França, em 1º. de maio de 1881. Realizou seus estudos ginásiais e liceais em um colégio dos padres jesuítas, dos quais, além de conhecimentos científicos e literários, adquiriu também uma forte admiração pela vida religiosa. Com dezoito anos, ingressou em um noviciado da Companhia de Jesus. De 1908 a 1912, cursou seus quatro anos de teologia em Hastings, onde também teve oportunidade de cultivar seus talentos científicos. Foi ordenado sacerdote em 14 de agosto de 1911. Depois, prosseguiu seus estudos acadêmicos no Collège de France, mas foi obrigado a interrompê-los em 1914, quando eclodiu a primeira guerra mundial. Também ele foi convocado em um destacamento de saúde, onde prestou serviços por toda a duração da guerra. Terminada a guerra, retomou os estudos universitários. Laureou-se em ciências naturais na Sorbonne em 1922. Em 1923, foi enviado em missão científica à China, encarregado de proceder a escavações geológicas nas regiões centrais daquele país. Isso se constituiu naquilo que ele mesmo mais tarde definiria como "o acontecimento decisivo do meu destino". A missão levou à descoberta do Homem paleolítico. Durante a segunda guerra mundial, ficou bloqueado na China. E, naquele, interminável período de isolamento, concluiu então a sua obra-prima, *Le phénomène humain*. Morreu em 10 de abril de 1955, Páscoa, com a idade de setenta e quatro anos" (Mondin, 1979, pp. 46-48).

(5) "José Ortega y Gasset (1883-1955), estudou filosofia na Universidade de Madri, continuando de 1905 a 1907 nas Universidades de Leipzig, Berlim e Marburgo. Nesta última, filosoficamente a mais importante, foi discípulo de Hermann Cohen. A partir de 1910, tornou-se catedrático de Metafísica na Universidade de Madri, afastando-se do ensino e da Espanha em 1936, com a guerra civil, vivendo na França, Holanda e Portugal e regressando ao seu país nos últimos anos de vida. Desde 1902 exerceu grande atividade de escritor. Por sua colaboração na imprensa, por seus livros e conferências, exerceu decisiva influência na vida espanhola. Especialmente com a fundação, em 1923, da Revista de Occidente, de que foi diretor até 1936, tornou possível aos espanhóis estarem informados dos problemas intelectuais mais relevantes e, graças à "Biblioteca da Revista de Occidente" e à "Biblioteca do Século XX", incorporou no pensamento espanhol, mediante traduções cuidadas, as correntes mais vivas da filosofia européia. Desse modo o castelhano foi a primeira língua em que se traduziram as *Investigações Lógicas* de Husserl, além de Max Scheler, Brentano, Dilthey e uma das primeiras em que se verteram obras fundamentais de Spengler, Freud, Von Uexküll, Herman Weyl, Einstein, Hegel, Fichte e outros" (José Ortega y Gasset, 1989, pp. 1270-1271).

(6) "Thomas Merton (Prades, França, 1915 – Banguecoque, Tailândia, 1968). Filho de neozelandês e de norte-americana, estudou na França, Inglaterra e EUA. Atraído pelo marxismo e depois pelo hinduísmo, pensou em aderir à seita dos quáqueros. Convertido ao catolicismo e batizado aos vinte e três anos, entrou para o mosteiro cisterciense de Gethsemani (EUA), em 1941, tomando o nome de Luís; foi ordenado sacerdote. Em 1947 publicou sua autobiografia – *A Noite Privada de Estrelas* -, logo traduzida em várias línguas. É um dos mestres espirituais do nosso tempo e um dos representantes mais qualificados do monaquismo contemporâneo" (Thomas Merton, 1995, p. 410).



(7) René Descartes, "em todas as disciplinas que estuda, a exceção da matemática, cuja aplicabilidade a problemas concretos somente se dará a partir e por causa dele, constata ele que a cultura em geral não oferece nenhum saber que seja isento de dúvidas e útil para vida. Cabe, portanto, conclui Descartes, reformar o conhecimento e fundamentá-lo a partir de novas e sólidas bases. Tal é a tarefa que será delineada no Discurso do Método (1637) e buscada por toda a vida de Descartes. Para obter esse resultado, Descarte elabora um método que consta de quatro regras: 1) Não aceitar nada que não seja evidente e evitar a prevenção e a precipitação; 2) Dividir um problema em tantas partes quantas forem possíveis e necessárias, a chamada regra da análise; 3) Conduzir o pensamento por ordem, partindo dos objetos mais simples para os mais complexos, a chamada regra da síntese; 4) Efetuar enumerações tão completas de modo a ter certeza de nenhum elemento ter sido esquecido. Aplicando esse método aos objetos culturais, quais deles podem ser ditos tão evidentes que não possam ser colocados em dúvida? Todos os dados dos sentidos podem nos enganar; da mesma forma todos os objetos da razão igualmente o podem... Nada existe que seja dado ao homem que não possa ser posto em dúvida; todavia, se de tudo podemos duvidar, não podemos duvidar do fato de estarmos duvidando" (Netsaber, s.d., s.p.).

(8) As evidências mais importantes que atestam a particular relevância de T. Merton para o pensamento de Covian estão documentadas nas obras do autor pertencentes a sua biblioteca particular, lidas e comentadas por ele. No acervo de Covian constam 22 diferentes títulos de obras do autor: *Aux Sources du Silence* (1952), *La Manne du Désert* (1954), *O Signo de Jonas* (1954), *La Senda de la Contemplación* (1955), *Sementes de Contemplação* (1955), *Los Hombres no son Islas* (1956), *Na Liberdade da Solidão* (1958), *Bernardo de Claraval* (1958), *La Montée vers Lumière* (1958), *Ascensão para a Verdade* (1959), *Pensamientos de la Soledad* (1960), *Espiritualidade, Contemplação e Paz* (1962), *Questões Abertas* (1963), *Pão no Deserto* (1963), *A Vida Silenciosa* (1964), *Vida e Santidade* (1965), *O Homem Novo* (1967), *A Igreja e o Mundo sem Deus* (1970), *Poesia e Contemplação* (1972), *Que Livro é Este?* (1975/2007b), *Contemplação num mundo de ação* (1975/2007b), *Incursiones en lo Indecible* (1981).

(9) "Mosteiro, derivado do grego *monasterion*, lugar para viver sozinho, designa inicialmente os abrigos de eremitas e, mais tarde, o conjunto de edifícios e terras ocupados por comunidades religiosas. A evolução da arquitetura monástica constitui um dos mais notáveis exemplos de homogeneidade, pela forma como, mantendo as características essenciais, reflecte a evolução cultural, política e estilística das diferentes épocas e meios em que se desenvolve. Até o século VI. Assinalam-se os mosteiros das margens mediterrânicas orientais, de que é exemplo o de Saqqarah, perto da antiga Memphis, no Egito, fundado em 470. No Ocidente, o de Ligugé (Poitiers), fundado em 361 por S. Martinho, é tido como o mais antigo que se conhece. Os grandes monumentos românicos são mosteiros, cuja fundação se deve às grandes ordens monásticas de S. Bento, Cluny e Cister, entre os séculos VI e XI. No século XIII são característicos os pequenos mosteiros franciscanos, de que são exemplo os *Carceri* de Assis. As ordens de S. Francisco e S. Domingos fundam também alguns mosteiros grandes, sem no entanto abandonarem princípios da maior simplicidade e despojamento (...) A secularização decorrente da Revolução Francesa interrompe essa história de dezesseis séculos da arquitetura monástica. No entanto, em 1959, Le Corbusier é chamado pela Ordem Dominicana a projectar o Convento de La Tourette, perto de Lião, onde retoma os temas tradicionais numa linguagem atual, que lhe confere lugar importante na história da moderna arquitetura..." (Mosteiro, 1972, pp. 1430-1431).

(10) A expressão original citada por Covian é "O beata solitudo. O sola beatitudo". Tal expressão é usada para enfatizar o prazer ou desejo de solidão e tranqüilidade (Kocher, s.d., s.p.).

(11) Dentre as obras literárias pertencentes ao acervo de Covian se destacam: *História da Arte* (Élie Faure); *Beethoven: las grandes épocas creadoras* (Romain Rolland); *A Arte da Música – a Linguagem Musical – sua História – uma Orquestra Sinfônica - os Instrumentos*; *A Esencia de la obra de Arte* (Romano Guardini); *Lições elementares de*



teoria musical (Samuel Arcanjo); *Como entender a pintura moderna* (Carlos Cavalcanti); *Miserere* (Georges Rouault).

Nota sobre os autores

Marcos Candido é mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo/RP. Contato: mcandidus02@uol.com.br

Marina Massimi é Professora Titular e trabalha junto ao Departamento de Psicologia e Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, Brasil. Especialista na área de História dos Saberes Psicológicos na Cultura Luso-Brasileira. Contato: mmassimi3@yahoo.com.

Data de recebimento: 22/09/2009

Data de aceite: 27/02/2010